

Comunicação, tradição e visibilidade nas Cavalhadas de Taguatinga, Tocantins¹²

Lauane Silva dos SANTOS³

Maria Eduarda Campos de Sá FERRAZ⁴

Hellen Silva MACIEL⁵

Verônica Dantas MENESES⁶

Universidade Federal do Tocantins, UFT, TO

Resumo

O presente trabalho faz parte do projeto Cultura popular, Comunicação e Identidades no Tocantins, que por sua vez compõe o projeto Cultura e Comunicação: folclore, identidades culturais e memórias, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Este artigo visa apresentar as primeiras pesquisas sobre o objeto destacado, as Cavalhadas de Taguatinga, a partir da perspectiva folkcomunicação, bem como discutir a construção de identidades locais e regionais no Tocantins realizada nessa manifestação folclórica e popular como forma de expressão e visibilidade de seus participantes e tensionar conceitos como tradição e líderes comunitários. As Cavalhadas são uma forma de a comunidade comunicar suas próprias leituras da sua história e de reforçar laços e processos de negociação de posições sociais, articulados às memórias e à valorização das identidades culturais locais.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Identidades; Religiosidade; Cavalhadas; Taguatinga.

Introdução

Os meios de comunicação são os principais depositários de processos de sociabilidades que se fundem em contextos interculturais e são confrontados com realidades regionais e locais distintas as quais constituem processos complexos que reúnem antigas e novas relações socioculturais. Entretanto este contexto não pode ser generalizado pois as

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática DT IJ 8 - Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Trabalho apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

³ Graduanda em Jornalismo pela UFT. E-mail: lauanesds@gmail.com

⁴ Graduanda em Jornalismo pela UFT. E-mail: ferrazduarda@gmail.com

⁵ Graduanda em Jornalismo pela UFT. E-mail: hellenlindamaciel@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação da UFT. E-mail veronica@uft.edu.br.

realidades, o cotidiano, os modos de fazer e de viver das comunidade constroem estratégias para compartilhar informações e reforçar os laços sociais (DE CERTEAU, 1994).

O folclore e as manifestações folclóricas e populares tem se revelado cada vez mais como um discurso afirmativo de identidades culturais, mas também de vocação econômica, pois tem gerado renda e visibilidade para diversas comunidades espalhadas pelo Brasil a partir das parcerias com organismos públicos e privados.

Roberto Benjamim (2004) e Luiz Antônio Barreto (2005) destacam a necessidade de repensar o próprio desgastado termo folclore, que deve ser revisitado, e a inserção inerente da relação entre comunicação e folclore, a partir das ideias de Luiz Beltrão, pois a manutenção e sobrevivência do folclore estão na sua capacidade de se recriar e se reinventar, processo por meio do qual alguns valores e identidades permanecem como herança e outros novos se constroem.

O folclore e as manifestações culturais populares demarcam, assim, a relação entre comunicação e cultura. Estes eventos são formas de as comunidades rurais, marginalizadas, tradicionais, se expressarem. O trabalho busca, portanto, descrever as características, contexto histórico e principais objetivos, perfil e peculiaridades das Cavalhadas em Taguatinga. Por outro lado, não se trata de somente descrever a efetividade da manifestação, mas abordá-las sob o aspecto da comunicação. Assim, buscamos entender as estratégias utilizadas para transmitir informações, as trocas culturais efetivadas dentro do grupo e do grupo para a sociedade em geral - ou seja, os processos de sociabilização produzidos nestas manifestações, as referências identitárias e territoriais e com isso as relações de pertencimento dos membros com sua comunidade e ainda a posição de novos agentes folkcomunicacionais e as formas de ativismos geradas dentro destes grupos.

Segundo Winkin (1998, p. 14) a nova comunicação é vista como “*performance* permanente da cultura” (*grifo do autor*) e não se restringe à transmissão intencional de mensagens, mas refere-se aos processos dos quais todos participamos cotidianamente. A partir de uma proposta etnográfica a pesquisa teve uma abordagem qualitativa, considerando que as culturas e identidades se manifestam por meio das interações no cotidiano. É por isso objeto de estudo dinâmico, que exige um método aberto a essas interações. Assim, com uma perspectiva mais etnometodológica da comunicação e as referências teórico-metodológicas da folkcomunicação, traçamos uma linha de pesquisa baseada na observação das interações e vivências cotidianas durante a realização das Cavalhadas, a qual incorpora observações, entrevistas e relatos sobre o objeto.

Cavalcadas

As cavalcadas narram a batalha entre mouros e cristãos e segue uma tradição dos torneios da idade média, onde foi vivenciada a batalha da reconquista pelos cristãos, caracterizada pela tomada do território invadido pelos muçulmanos.

Entretanto, segundo Brandão (1974), citando Cascudo, o nome cavalcadas, nos termos das festas que encontramos atualmente no Brasil, mescla pelo menos duas conotações: pode nomear corrida ou desfile de cavaleiros, com jogo de canas, de argolinhas, manilha entre outros, e também a luta simulada entre Cristãos e Mouros, mais associada a festas religiosas. Nesta segunda acepção, também encontramos outras manifestações religiosas que simulam tal batalha, como as Cheganças, no Nordeste do país.

No Brasil essa tradição teria chegado por volta de 1756 com os portugueses. Em Alagoas, as Cavalcadas teriam mais de 400 anos de prática (BRANDÃO, 1974). Cada região e Estado possui suas particularidades, por exemplo, em Pirenópolis, Goiás, como em outros estados das regiões Centro-oeste, Sul e Sudeste, são realizadas junto à festa do Divino Espírito Santo, mas, como veremos adiante, em Taguatinga, Tocantins, elas acontecem junto às homenagens a Nossa Senhora d'Abadia, padroeira local. As cavalcadas foram permitidas pela Coroa a fim de evangelizar os nativos e fixaram-se, principalmente, em cidades de exploração do ouro, demonstrando o poder da igreja Católica sobre os outros credos, com a intenção de manter certo controle da população.

Como manifestação popular encontrada atualmente, as Cavalcadas são torneios equestres que se reportam a estas históricas lutas entre mouros e cristãos. É muito comum encontrarmos personagens como reis, rainhas, cavaleiros, caretas, entre outros, em geral vestidos com roupas bem características; os cavalos também são amplamente ornamentados.

Ainda hoje, são fortes os laços que unem os credos trazidos pelos colonizadores portugueses e a população de maioria católica. A cultura das cavalcadas une representações religiosas com o folclore, demonstrando a riqueza e a invenção dos festejos regionais.

Em Taguatinga

Em Taguatinga, município situado no sudeste do estado do Tocantins, com 15.053 habitantes, segundo o censo de 2010 do IBGE, o evento, que acontece todos os anos, no mês

de Agosto, em conjunto com as festas populares e religiosas em homenagem a padroeira da Cidade, tornou-se forte tradição e se confunde com própria história local.

Segundo um dos sites da cidade, Taguavip⁷, a festa já perdura por anos e tem a finalidade de passar uma mensagem cristã para a população, acontecendo em simultâneo com os festejos de Nossa Senhora D'abadia, e tendo início a partir da “benção das argolinhas” e dos cavaleiros pelo padre responsável pela paróquia, além da entrega das lanças ao imperador do ano.

Ainda segundo o site e de acordo com nossa pesquisa de campo, a manifestação teria chegado à cidade no ano de 1936, quando o então deputado João Batista de Almeida trouxe a festa que viria a se tornar tradição. Após dez anos de história em Taguatinga, as Cavalhadas entraram em hiato em 1946, devido à morte de alguns dos primeiros cavaleiros, voltando a acontecer apenas na década de 1990, período em que moradores juntaram-se na tentativa de continuar com a representação histórica que lhes fora apresentada. No início dos anos 2000, a prefeitura da cidade tomou a frente da organização, continuando a realizá-la até os dias de hoje. A história mostra a dinâmica existente nos eventos folclóricos e populares e a forte relação entre poder público e comunidade.

Ao todo, 24 cavaleiros participam do evento, sendo 12 do lado cristão e o mesmo número do lado mouro. A quantidade de homens a participar é esta devido à Batalha de Carlos Magno e os 12 pares da França, conflito religioso acontecido na Europa Medieval.

O traje dos cavaleiros é um show à parte. Eles se vestem com longas capas, bordadas com desenhos de sua própria escolha, alguns com características religiosas, como cálices e cruzes. Os bordados são confeccionados com pedras ou lantejoulas que dão a roupa, feita com tecido grosso e quente, bastante difícil para o calor que faz na cidade durante o dia, um peso ainda maior. Os guerreiros usam adereços na cabeça e seguram lanças e escudos.

Ao todo, de acordo com alguns deles, é gasto cerca de cinco mil reais na confecção dos trajes, pagos por eles próprios e em algumas circunstâncias com a ajuda do que é arrecadado pela Associação, se houver alguma eventualidade. As vestimentas não entram no orçamento gasto pela prefeitura com o evento.

Os cavalos, animais naturalmente imponentes, são enfeitados pelos seus donos com flores, penas, tecidos e fitas, tornando-se ainda mais majestosos. Junto com seus cavaleiros, eles se apresentam nas batalhas e desfilam pela cidade.

⁷ Disponível em: <http://www.taguavip.com.br/v2/?opcao=15>. Acesso em: fevereiro de 2016.

A pesquisa seguiu a perspectiva dos estudos folkcomunicaçãois, para pensar a cultura popular de forma a contemplar menos o determinismo das relações de poder, e mais as ações efetivas dentro dos processos de produção e manutenção da vida, de apropriação e ressignificação da realidade da comunidade estudada. Dessa forma, pode-se dizer que o modo com que os participantes se embelezam para o evento, serve como forma de expressão e reafirmação de sua fé, sua honra e seu orgulho.

Schmidt (2011, p.121) analisa que “são diversas as formas de expressão popular que fazem a transmissão de valores e sentimentos como mídias próprias ao seu público. [...]. A cultura é a grande tela onde estão configuradas essas maneiras de exibir os conteúdos produzidos no cotidiano de cada grupo, de acordo com suas necessidades materiais e imateriais”. As Cavalhadas de Taguatinga desenvolveram modos próprios de identificação coletiva e de pertencimento, criando suas próprias leituras da história e da realidade social.

A preparação para o festejo segue todo um roteiro: o espetáculo acontece sempre ao som da banda municipal da cidade de Taguatinga-TO, que é acompanhada por muitos expectadores. A festa é marcada, principalmente, pela competição das argolinhas de N. Sra. D’Abadia, provas de habilidades com o cavalo, missas e café da manhã.

No primeiro dia acontece o desfile dos guerreiros de ambas as religiões, seguido pela batalha e o batismo dos mouros no cristianismo. Na batalha, os guerreiros dramatizam diálogos e o embate entre mouros e cristãos, quando há a conversão dos mouros ao cristianismo, através do batismo, desta forma, os cristãos sempre vencem. É momento de grande euforia para o público. Assim, os momentos mais esperados pela população são a dramatização da batalha e a competição das argolinhas.

A competição das argolinhas inicia-se com um ritual de bênção, durante a missa realizada na sexta-feira. O imperador leva as argolas que serão disputadas pelos cavaleiros para serem abençoadas pelo sacerdote. Logo mais, à meia-noite, as badaladas do sino da Igreja marcam o início, oficialmente, das disputas, que, de acordo com os participantes, são antecedidas por uma sucessão de eventos sociais, preparatórios e de confraternização, que acontecem na semana anterior.

Figura 1: Rei mouro e rei cristão

Fonte: Foto/Reprodução: Maria Eduarda Ferraz

No segundo dia, após a catequese dos cavaleiros mouros, que perdem todos os anos a batalha inicial, por refazerem a história real, o desenrolar é diferente. Tanto os azuis (cristãos), quanto os vermelhos (mouros), tem possibilidades iguais de vitória, já que as competições são livres. No jogo são colocadas duas argolinhas enfeitadas com fitas numa trave, uma em cada lado competidor. Os cavaleiros devem retirar as argolinhas com a ponta de uma lança, no momento em que o cavalo passar a galope embaixo do poste, e oferecer em homenagem a alguém que o cavaleiro julga importante. Assim, cada cavaleiro tem a chance de recolher três argolas muito pequenas, correndo a cavalo em alta velocidade. A equipe que mais arrecadar argolinhas é a vencedora do desafio. Na edição de 2015, por exemplo, houve um empate entre os grupos.

O ritual da festa entre mouros e cristãos é antecipado pelo desfile dos caretas, grupo de mascarados composto por crianças e jovens de oito a dezesseis anos, muitas feitas de tecidos. Os cavalos, usados pelos caretas, são enfeitados com flores, tecidos e alguns levavam a marca de quem os patrocina.

O pesquisador português Tiza (2004, p. 35) considera que as manifestações festivas que se desenvolvem entre o Nordeste de Portugal e a Espanha possuem semelhanças com as antigas festividades das saturnais realizadas por ocasião do solstício de inverno em muitas regiões do Império Romano. Tiza (apud FERREIRA, [20-?], p. 54-55) afirma também que os

mascarados nos ritos festivos do ciclo do inverno nesta região assumem funções sagradas e profanas. Na festa dos rapazes solteiros no dia de Santo Estevão eles, como profetas denunciam atos reprováveis de membros da comunidade, numa crítica social institucionalizada, denunciando vizinhos e autoridades presentes diante de todos, no sentido de purificar a comunidade por ocasião do rejuvenescimento que se inicia com o novo ciclo solar do solstício do inverno. Assim estes personagens mascarados instituem o caos para depois reintroduzir a ordem (MATOS; FERRETI, 2010, p. 06).

Apesar de as máscaras trazerem historicamente várias significações, como manifestação popular no Brasil os caretas, ou mascarados, se manifestam em várias ocasiões dependendo do lugar, integrando festas religiosas ou profanas. Podem fazer parte das Festas dos Reis ou no período da Semana Santa, especialmente na chamada malhação de Judas. Podem ainda representar o povo, como acontece em Taguatinga.

Todos os anos novas rainhas são escolhidas para a festa. Tanto o lado mouro, como o lado cristão apresenta a sua. Elas participam dos desfiles, junto aos cavaleiros e demais personagens, além de aparecerem no campo de batalha, onde distribuem flores e são responsáveis por portar as argolinhas utilizadas na competição. No primeiro dia, são formalmente apresentadas ao público, que costuma lotar as arquibancadas disponíveis, traduzindo, em suas aparições, o esplendor e a importância da realeza na época bem como incorporando para sua imagem certo prestígio social.

Figura 2: Rainhas moura e cristã



Fonte: Foto/Reprodução: Maria Eduarda Ferraz

Visibilidade, Sociabilidade e Pertencimento

O folclore e as manifestações folclóricas e populares também são discursos afirmativos de identidades culturais e visibilidade para diversas comunidades. Estas manifestações, como parte da cultura, mudam e agregam novos significados. Por isso, Barreto (2005, p.85) analisa que "sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias, aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo".

As Cavalhadas em Taguatinga, como vemos, passaram por transformações inerentes à própria dinâmica da cultura vivida. Era uma festividade de cunho religioso que se tornou uma manifestação cultural. Atualmente, na época dessa festividade, todos os cristãos se envolvem e ajudam na festa, mas não são somente os católicos que participam. A cidade como um todo se sente pertencente das Cavalhadas, sejam católicos ou não, e ajudam em todo o momento. Todos da cidade, mesmo os que não participam nem são parentes dos cavaleiros, participam ativamente, vão para arena no dia da batalha e do jogo das argolinhas, escolhem Cristãos ou Mouros para torcer. Outros, ainda, dão dinheiro para ajudar na beleza da festa, inclusive das rainhas dos Mouros e Cristãos.

Como citado neste trabalho, a história de Taguatinga acabou por se confundir com a história das Cavalhadas, fazendo com que essa manifestação cultural-religiosa tenha ainda mais importância para todos os habitantes.

As pessoas das grandes cidades, acostumadas à experiência do novo e do renovado em sua própria vida urbana e modernizada, dificilmente poderiam compreender a necessidade e a insistência do retorno anual de uma mesma Cavalhada [...]. (BRANDÃO, 1974, p. 3)

Conforme a citação de Brandão, vimos que mesmo o retorno das Cavalhadas anualmente, na verdade, não traz a repetição, uma vez que cada ano há mudanças e é uma nova possibilidade de intercâmbios e fortalecimento de laços sociais, além de, como veremos adiante, compreender um processo social de manutenção das hierarquias na cidade.

A partir de nossa observação, vimos que muitos jovens de Taguatinga tem uma expectativa de um dia tornar-se Cavaleiros ou Rainhas. Quando uma moça se torna rainha e um jovem cavaleiro, isso é motivo de orgulho para a família inteira, e a mesma recebe uma visibilidade muito maior por todos da cidade. Os pais querem muito que seus filhos

participem. Assim também são os casais que esperam se tornar imperadores e, geralmente, os escolhidos são os mais populares.

Assim aconteceu com Vilidiou Soletti Soares. Gaúcho, mudou-se para o Tocantins ainda muito jovem e acompanha as Cavalhadas desde criança, tendo começado na função de “segura-lança”, na qual fazia sua participação ao ajudar os guerreiros nos bastidores, até tornar-se Cavaleiro cristão, função que desempenha há cinco anos. Segundo ele, falar da manifestação é falar de sentimento. Estar ali todos os anos, exercendo a sua função, provoca nele total satisfação e orgulho. Atualmente, preside a Associação de Apoio às Cavalhadas de Taguatinga.

O cavaleiro diz que o sentimento de participar é inexplicável, porque “envolve aquilo de que gosta e quem é apaixonado pela história tem contato com a reprodução de uma manifestação que narra uma batalha secular”. Ele ainda deixa claro que todos os envolvidos querem mostrar ao máximo a cultura e a religião, porque “não dá pra dizer que existem Cavalhadas sem a presença da religiosidade”.

Soares conta que sente a importância daquilo que faz e que acha que tudo continua sendo feito porque existe uma vontade comum de manter a tradição, que já perdura por anos. Além disso, diz sentir-se motivado pelo fato de o evento ser referenciado a Nossa Senhora D’Abadia e a família de modo geral.

O que o cavaleiro mostra, na realidade, é visível no olhar de cada homem e cada rapaz que desempenha funções na festa. Os cavaleiros são as grandes estrelas do espetáculo e ser um deles, além de honroso, é um papel que vem acompanhado de glória e responsabilidade, tanto isso acontece que para exercer a função é preciso ter uma conduta exemplar corroborada pela sociedade. A imponência de sua presença e todos os demais atributos que a tarefa proporciona representam objetos de desejo dos meninos mais jovens, que os observam em suas apresentações, em grande parte, com admiração.

Há, portanto, regras rígidas na conduta dos cavaleiros, há um ritual e normas internas a serem seguidas, o que revela o papel das Cavalhadas como um elo social, uma expressão importante da identidade local e por isso é preciso preservar a imagem de seus personagens, especialmente dos cavaleiros. Enquanto as rainhas e imperadores são eleitos ano após ano, o mesmo não acontece com os cavaleiros, que seguem no papel, adentrando no grupo apenas através de convite, permanecendo nele e sendo dispensados em caso de descumprimento de regras impostas pelo seu regimento interno.

Para escolha dos cavaleiros, madrinhas, rainhas e imperador é levada em consideração toda a vida e moral do pretendente, bem como sua vida social, avaliando se é digno ou não de estar à frente de determinado cargo.

Estas observações apontam para uma ação peculiar destes personagens como agentes folkcomunicacionais. Estas figuras acabam consolidando um critério do líder de opinião e do líder comunitário por meio da representação de seu personagem.

Trigueiro (2008, pp. 44-45) aponta que apesar de o modelo do agente comunicador da Folkcomunicação ser “um sujeito com biografia carregada de referências do local, dos costumes, das histórias de vida familiar, escolar, mas com uma maior interação com os meios de comunicação social e mais vivência fora do mundo local”, também percebe que, citando Barbero, o novo mundo globalizado, as novas mudanças sociais quase não deixam espaço para estes agentes intermediadores, e sim para agentes mediadores. Assim, estas figuras constituem-se mediadores, portadores de símbolos e significados importantes para a transferência de informações coletivas e manutenção de laços de pertencimento.

Observamos, também, em nossa pesquisa de campo, que a Igreja toma à frente da festividade, mesmo que sejam a prefeitura e a Associação dos Cavaleiros de Taguatinga, incumbidos da organização. Apesar de receber apoio do governo estadual, fazendeiros e comerciantes, inclusive de outras religiões, por ser uma manifestação cultural de visibilidade pelo Brasil afora, é a Igreja que toma a maioria das decisões.

As cavalcadas são tão tradicionais, em Taguatinga, que os envolvidos fazem questão de manter todo o decoro, mesmo quando não há muitos espectadores. Fazem a abertura andando por toda a cidade, mesmo que, geralmente, a maioria das pessoas esteja na arena esperando apenas para assistir as batalhas. Também não deixam de lado as roupas apropriadas, mesmo que o calor seja mais intenso nesta época do ano.

Como afirma Peruzzo,

Determinadas manifestações em defesa da vida adquirem dimensões significativas em nossos dias. Isto pode ser encarado como um despertar de pessoas, de camadas sociais e de povos inteiros em busca de condições de vida mais dignas, pautadas pelo desejo de interferir no processo histórico, sua vontade de posicionar-se como sujeitos e seu anseio de realizar-se como espécie humana (PERUZZO, 2004 apud ARAÚJO, 2010, p. 2).

Outra observação que reforça a manutenção de certas posições sociais é o fato de o cavaleiro, quando consegue pegar as argolinhas no mastro, ter a possibilidade de oferecer as argolinhas conseguidas em sua apresentação. Recebê-las é considerada uma grande honra.

As especulações sobre essas dedicatórias é ponto a ser melhor discutido posteriormente. Por ora, cabe verificar que alguns dizem que os guerreiros as oferecem para pessoas célebres da cidade, recebendo presentes em troca. Inclusive, as primeiras argolinhas, na edição da festividade de 2015, foram oferecidas ao Prefeito, sua esposa, imperador e fazendeiros. É mais uma manifestação de reforço do *status quo*, das hierarquias sociais. Os homenageados com o ganho das argolinhas são muito bem vistos pelos cidadãos, tanto quanto os familiares de um cavaleiro ou rainha.

Considerações Finais

As Cavalhadas de Taguatinga foram retomadas em 1997 e deram um novo sentido para os habitantes da cidade. Eles se preparam o ano inteiro para a festividade, esperam muito por ela. Atualmente, essa tradição está sendo levada pelos jovens, em sua grande maioria. Isso é algo difícil de se ver porque quando se pensa em uma festividade tradicional, geralmente há mais idosos envolvidos do que jovens. Talvez seja reflexo da posição que os participantes adquirem perante a sociedade.

É notável o sentimento de pertencimento de todos os moradores da cidade, pois todos participam, direta ou indiretamente. Todos se sentem parte desse processo sócio-cultural-artístico-religioso, que parece já construído, mas que, na verdade, é reconstruído todos os anos.

No início, todos queriam estar do lado cristão, devido à maioria da população ser cristã, mas o que se nota, atualmente, é que não há mais tanta importância voltada para esse quesito. Ser cavaleiro, rainha, imperador, madrinha é o mais importante. Ser participante e atuante dessa festividade é o que dá orgulho, seja de qual lado for.

Percebe-se, também, que a festividade, intitulada no resto do país como “O maior teatro a céu aberto do Brasil”, possui muito de dramatização, uma vez que todos os anos a batalha é vencida pelos Cristãos e isso precisa ser representado, no entanto, é revivida todos os anos como se fosse única. A benção das argolinhas, a batalha e os demais ritos da festividade são acompanhados com seriedade por todos.

E embora as mudanças e os objetivos venham se transformando, a tradição continua sendo uma palavra muito representativa para o sentimento identitário. Mesmo após 19 anos, desde o retorno das Cavalhadas em Taguatinga, a população permanece fiel a reprodução das Cruzadas da época do Rei Carlos Magno, lembrando os primeiros cavaleiros e fazendo honra a eles.

A festa realmente importa para a cidade. Taguatinga se enfeita para realizar o evento todos os anos, a cidade se mobiliza e expressa como pode a relevância que as Cavalhadas e que o Festejo de Nossa Senhora D'Abadia, como um todo, representa para todos. É um momento de visibilidade da cidade para o resto do país.

As tradições, com a modernização do mundo, mudam, mas a festa que narra um acontecimento secular é utilizada como uma forma de comunicação, porque é através dela que essas pessoas reforçam sua identidade, seus laços, sua história, vivem a questão de pertencer a algo maior e mostram isso para o resto da sociedade. As Cavalhadas traduzem o sentimento de quem está ali, de quem quer ser visto.

Percebendo a importância dessas considerações para os diversos processos sociais contemporâneos, verificamos que é preciso explorar mais as formas regionalizadas e localizadas de expressão popular como formas de comunicação, dinâmicas de sociabilidade e de apropriação da sua própria realidade.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Wendy Almeida de. **Tambores do Tocantins**: Tradições e saberes musicais através da Folkcomunicação. Anais... XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste. Goiânia – GO, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0558-1.pdf>. Acesso em maio de 2016.

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore: invenção e comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial/Scorteccei Editora, 2005.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

DE CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. Vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1994.

MATOS, E. C; FERRETI, S.F. *Caretas de cazumba no bumba-meu-boi do Maranhão*. Revista Pós Ciências Sociais. v. 6 n. 12 São Luis/MA, 2010. Disponível em: http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=378&Itemid=114. Acesso em 10 de julho de 2016.

SCHMIDT, Cristina. *Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário*. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/.../402>. Acesso em 20 de maio de 2016.

TRIGUEIRO, Oswaldo. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: EduUFPB, 2008.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: Da Teoria ao Trabalho de Campo**. Campinas/SP: Papyrus, 1998.